

III SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS E V ENCONTRO DE FENOMENOLOGIA E ANÁLISE DO EXISTIR.

SINTESE DOS GRUPOS DE TRABALHO

Tema: Conflito na Ética e na Pesquisa

Danilo Di Manno De Almeida - UESP

Chegado é o momento da síntese da síntese. Após a apresentação da síntese dos GT's deste evento, feita pelos diversos palestrantes aqui presentes, cabe a mim a tarefa quase impossível da síntese final.

A apresentação da síntese dos diversos GT's pôde nos oferecer uma perspectiva geral das metodologias empregadas, dos temas tratados, do possível progresso nas investigações. Destaca-se de imediato o quadro geral das dúvidas, das incertezas e dos desafios para novas pesquisas, como podemos ler nas sínteses produzidas pelos coordenadores dos GT's.

Diante da tarefa atribuída, entendo que devo dedicar essas reflexões finais ao próprio “exercício” de síntese, empreendido por todos nós: pelas comunicações apresentadas, pelos sintetizadores (coordenadores) dos GT's e sintetizador das sínteses dos sintetizadores.

CARÊNCIA ÉTICA

Inicialmente, cabe dizer que uma investigação sobre ética denota já uma carência. A preocupação com a ética aponta para lacunas em nossas próprias atividades. Falamos sobre ética porque nos *falta* a ética. A falta tem dois sentidos.

Primeiramente, a investigação sobre a “ética” denuncia de imediato a nossa condição *não-ética*. Isto quer dizer que precisamos nos tornar éticos, evitar procedimentos que “deixam a desejar”. A temática ética indicaria, portanto, o nosso desejo de ser ético (desejo como falta...). Mais ou menos no sentido da retomada que Paul Ricoeur faz da ética de Spinoza: ética como desejo de ser e esforço para existir.

Em segundo lugar, a ética nos falta porque *desejamos mais do que praticamos*. Temos princípios éticos profundos, porém, os praticamos muito pouco. Não conseguimos fazer coincidir nossas intenções com nossas ações. Somos *mais* éticos no desejo do que na prática.

FALTA DE ÉTICA NA PESQUISA

Se assim for, qual seria a nossa carência quando tratamos de “ética na pesquisa”? Concentrar a discussão ética sobre o tema da pesquisa não evita o problema colocado acima. Os dois sentidos da falta de ética podem se explicitados com a questão (ética) do outro. Por ela mesma, a investigação sobre a ética põe o outro como fundamento – ou ao menos como tema. Sob este ponto de vista, a preocupação com a “ética na pesquisa” nasceria desta pergunta sobre os nossos procedimentos, intenções, ações e desejos, em relação ao outro. Assim, a investigação do tema da ética *na pesquisa* indicaria nossa *falta* em relação ao outro, aos outros.

Neste particular, o assunto da síntese é muito pertinente, como tentarei mostrar na seqüência.

A SÍNTESE E O OUTRO

Disse logo acima que nossas reflexões se ocupariam do exercício mesmo de síntese. De fato, a síntese já evoca a nossa postura (investigativa) em relação aos outros. A síntese pode ser a ocasião de silenciar, de obstruir a posição, a palavra, o “sentido” dos outros. De maneira direta: *subsumi-los na síntese proposta*.

Observemos a “ordem” dos fatos. Todos os trabalhos apresentados nos GT’s acabam de ser sintetizados aqui. Sintetizados e silenciados. Inúmeras palavras, intenções, nuances, pontos cruciais, foram silenciados, subsumidos nas diversas sínteses apresentadas. Isto ocorre pelo fato de não conseguirmos repetir o GT na sua “totalidade”. Fazemos os cortes, selecionamos. Ênfases e preferências são inevitáveis – sem falar das (in)competências próprias para entender os temas abordados.

Qual o critério epistemológico na confecção da síntese? Mesmo a maior disponibilidade ao “acontecimento” ou à “coisa mesma” terá pouco efeito para retomar “tais quais” as comunicações pronunciadas.

Poderia ser de outra maneira? Muito provavelmente não. Por isso mesmo o sentimento de falta. Não somos o bastante éticos para sintetizar e ainda deixar falar o outro em toda a sua plenitude.

UM MOMENTO DA PESQUISA: O OUTRO E O SILÊNCIO ÉTICO

Mas, aqui, estamos no momento mais ético do evento. O momento da síntese é o momento de maior risco. Justamente porque inclui o outro. Quanto mais nossa pesquisa diz respeito ao outro, mais ética ela é.

De igual modo, o pesquisador que se apresentou nos GT's não escapa deste risco. A pergunta tem de ser dirigida a ele: o quanto silenciou do outro em sua comunicação?

Este é o risco generalizado da pesquisa e pode tornar-se o mais ético também, à medida que aceitemos colocar a pergunta sobre o silêncio dos outros em nossas investigações. Chegamos a um ponto elevado da ética, no qual cabe reconhecer a instabilidade, o caráter provisório, bem como a fraqueza epistemológica de nossas pesquisas.

Falta-nos, assim, ser éticos na pesquisa. Falta em dois sentidos: uma porque não temos sido suficientemente éticos. Silenciamos os outros, falamos nós mesmos como se falassem eles. Falta-nos, num segundo sentido, coincidir nossas *intenções* éticas da pesquisa com a nossa *prática* investigativa.

Começaríamos, então a atingir melhores condições éticas da pesquisa à medida que fizéssemos calar a nossa pretensão teórica e sua artilharia conceitual, para dar espaço ao outro, aos outros? Em parte. sim. Mas, este é apenas *um* momento ético da pesquisa: o momento do *outro* do pesquisador.

OUTRO MOMENTO DA PESQUISA: A ÉTICA DO PESQUISADOR (MORAL E CONHECIMENTO)

Falta falar ainda da ética do próprio pesquisador. Que ética, a ética pessoal? Não se trata da ética “individual”, mas do drama ético mesmo da pesquisa. De fato, a pesquisa não é o reino puro da investigação. A pesquisa é o lugar político da comunidade científica. A pesquisa é ela mesma um campo e uma prática moral. Ela se impõe, tem seus costumes, suas regras, seus compromissos, seus interditos, seus rituais, sua tradição, seus deuses.

É neste momento que o pesquisador se dá conta do quão difícil é ser ético, quer dizer, é ser um *outro*, quando se põe em relação com este conjunto massificador, essa Tradição anônima do conhecimento. O pesquisador se encontra diante de um conjunto de comportamentos

epistemológicos esperados. Ele é obrigado a se definir diante das expectativas de uma investigação epistemologicamente correta.

Tudo isto significa que há um padrão de síntese. Esse padrão implica em negociações por parte dele. Há um modelo de síntese – a síntese esperada, bem comportada, que, neste tempo de “democratização do conhecimento”, dá a cada um o seu quinhão. Afinal, quem negaria hoje o direito do pesquisador colocar um *pouco* de sua visão, sem prejuízo dos outros?

Mas se o *Ethos* pode ser também traduzido como “morada”, põe-se em realce o *lugar* do pesquisador. Será ético o pesquisador que se afirmar no seu dizer. Assim, mais do que atender à bem-comportada “divisão democrática do conhecimento”, o pesquisador ético tem o “direito” de diferir. Nesta condição, ele não se preocuparia se fosse tomado como “radical”, indisposto à negociação de suas posições. Afirmaria, assim, o “direito” de dizer o que pensa, sem precisar estabelecer “compromissos”, “acertos”, em função de uma expectativa acadêmica. Não está aí a possibilidade aberta do conflito? Esse conflito que a síntese tenta obstruir, porque ela quer o consenso e não a diferença?

O conflito mostra a fragilidade na pesquisa, a divergência indesejável e, por isso mesmo, é tão evitado. Gostaríamos que todos divergissem, mas não sem “extremismos”, dentro dos padrões “normais” (canônicos ou ortodoxos) das interpretações. Desejo moral enraizado de sermos tomados como famílias bem comportadas do conhecimento, com divergências normais do convívio investigativo, mas sem escândalos epistemológicos.

CONDIÇÃO ÉTICA DO PESQUISADOR: O CONFLITO

Essa moralidade epistemológica agride a *ética* do pesquisador. Se há algo a subsumir, certamente, não poderá ser sua condição ética. Assim, ao fazer a síntese, o pesquisador abre a porta para o conflito. Conflito ético: o “direito” de dizer o que pensa, sem se preocupar se subsume ou não a fala do outro em seu discurso. Moral e epistemologicamente incorreto, certamente. A moralidade epistemológica exige o respeito pelo outro. A condição ética do pesquisador afirma primeiramente o seu “direito” de diferir, de marcar sua discordância, de não se privar frente à expectativa de “apaziguamento” epistemológico. Não há intenção de preservar a boa convivência epistemológica. A ética abre a possibilidade de dizer sem se pré-ocupar com as intrigas decorrentes. Se o outro não for bem expresso na minha síntese, que se manifeste. Se o outro se sente subsumido na minha síntese ou mesmo traído, que afirme a sua condição ética. Lute, então, pelos seus “direitos”, posicionando-se, assim, eticamente.

CONFLITO ÉTICO

O pesquisador ético produz a diferença constante, abandonando a tendência moral de produzir uma fatídica pacificação epistemológica. Para onde vamos com essas mediações, com esse meio-termo epistemológico, que traí um e outro, o “pesquisador” e o “pesquisado”, que traí a palavra “primeira” e a palavra da “síntese” e, por final, a palavra do “sintetizador da síntese”.

Inquietação ética corresponde a inquietação epistemológica. De conflito em conflito provamos a árdua tarefa de produzir conhecimento sem (re)produzir um comportamento generalizado: aquele que, em nome da ética na pesquisa, faz calar a ética do pesquisador. Não se trata, evidentemente, de defender o direito do indivíduo e suas idiossincrasias. Trata-se de acentuar o conflito epistemológico, que traduz a nossa divergência ideológica, geográfica e até mesmo de intencionalidade em relação àquilo que é vital. O conflito faz aparecer intersubjetividades em conflito. Ajuda a iluminar a farsa de um conhecimento plural com centro único. Conhecimento bem-comportado, dissimulador da intolerância com a diversidade de modos de conhecer e de ser (diversidade ética), em nome de uma moral unificadora. A exaltação do indivíduo é apenas a máscara de uma coletividade sempre igual – uma intersubjetividade unificada. A afirmação ética do pesquisador é a esperança de que o conhecimento também abrigue no seu interior os conflitos da condição humana. A ética suscita o conflito, traz o “escândalo” das negociações epistemológicas; a ética acentua o “escândalo” de toda síntese sobre o pano de fundo da moral epistemológica. Não se tratará, talvez, nem sequer de síntese aberta, mas da impossibilidade mesmo de toda *síntese* ética. Multiplicidade de pesquisadores; multiplicidade de éticas (*éthea*). Inevitável subsumir os discursos e os outros. Inevitável reclamar da subsunção. Inevitável conflito. Feliz condição ética do pesquisador. Ao incentivar o conflito, incentivamos a participação ética de todos.